

## Não está tudo bem: Covid, ciência e negacionismo coletivo

*It's not ok: COVID, science and collective denial*

**Giulia Crippa**

Livre Docente em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – FFCLRP – USP, Brasil.  
Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH – USP, Brasil.  
Professora Associada do Dipartimento di Beni Culturali da Universidade de Bolonha, Itália.  
E-mail: [giulia.crippa2@unibo.it](mailto:giulia.crippa2@unibo.it)

Tivemos cidades, nações inteiras completamente fechadas a partir de março de 2020. E isso porque, apesar de apresentado como algo muito grave já em meados de janeiro, ninguém parecia particularmente preocupado, fora da longínqua e exótica China, sobre o que podia acontecer caso o Coronavírus 19 se espalhasse também em outros países.

O que ninguém parecia perceber era que já estava se espalhando e criando problemas, grandes problemas. Contrariamente ao que muitas pessoas começaram a acreditar, em um híbrido entre realidade e ficção decorrente de muitos filmes e seriados apocalípticos, o Covid 19 não é particularmente mortal. Ou, melhor, em termos estatísticos a mortalidade não é das mais altas. Só que, na maioria dos países que escolheram seguir o Evangelho Neoliberal, as estruturas sanitárias não estavam preparadas para acolher aquela parcela, pequena, mas ainda assim, numerosa, que precisa de cuidados intensivos para evitar ao máximo possível essa mortalidade do vírus. Os países que, por outro lado, não estão ainda tão alinhados com essa doutrina são, frequentemente, lugares com abismais diferenças sociais, em que uma pequena minoria concentra toda a riqueza, enquanto a parcela maior da população vive abaixo da linha da pobreza. Países, portanto, em que, frequentemente, os sistemas de saúde são muito carentes ou, até, inexistentes. Basicamente, a pandemia de Covid (*Corona Vírus Disease*) revelou ao mundo inteiro que, em alguns lugares mais, em outros menos, faltam leitos nas UTIs para todos que precisam. Além, é claro, de sempre existir – porque essa é a realidade dos vírus – a possibilidade de morrer por complicações ligadas à infecção.

É inegável que, agora, em setembro de 2020, a humanidade esteja ainda no primeiro estágio da doença, que é a negação. Não podemos nos confundir com quando a pandemia foi decretada porque o vírus chegara em todos os lugares. Na primeira metade do ano, ficamos paralisados, sem entender que paulada recebemos na cabeça. Imaginem: as principais

economias do mundo inteiro diminuindo seus ritmos de maneira francamente impressionante. Uma ampla fatia de população mundial em isolamento em suas residências. Essa fase foi o manifestar-se da doença como se nosso corpo social global, perante a eclosão dos sintomas, tivesse ido ao Pronto Socorro. Fomos e nos diagnosticaram. Depois desses meses, em que ouvimos o diagnóstico, eis que nos encontramos nesse estado da negação. A ele, ainda, deve seguir a raiva, a negociação, a depressão e, finalmente, a aceitação. Que é quando tomamos efetivamente as providências para cuidar. Aparentemente, esse é o percurso que o ser humano segue, quando recebe a notícia de ser afetado por uma doença que pode ser mortal. Não estou falando de um ponto de vista individual. Para cada um, acredito, existe um tempo de elaboração. Com certeza, muitas pessoas já passaram da fase de negação, já estão em um momento mais avançado de enfrentamento da situação. Mas a Covid não deve ser pensada em um plano individual. Ela tem um peso na medida em que envolve o coletivo. Banalmente: quem faz suas considerações sobre o uso responsável da máscara, sobre sua sociabilidade, sobre como se deslocar, já passou da fase da negação e da raiva. Pode ser que esteja na fase da negociação ou até mais em frente com seu percurso. Há uns deprimidos, bem como há muitas pessoas na fase da negociação. O problema é o estágio no nível coletivo. Devemos nos pensar não individualmente, mas como “corpo” social, como conjunto em que o indivíduo não resolve sozinho, não adianta o quão ele possa ser voluntarioso. Se olharmos de um ponto de vista de conjunto, de corpo social, de experiência coletiva, nossas bolhas de gente que pensa ter entendido qual é a desse vírus e que se todos fizessem como nós resolveria melhor "explode". Com o desaparecimento da segurança de nossa bolha, nos encontramos em contato com um monte de gente, "lá fora", que está em firme e franca negação. Tratando de algo muito contagioso, isso pode levar (com perdas maiores das atuais, em termos de vidas) aos outros estágios também a sociedade, mas os tempos para isso acontecer são muito longos.

O que me alerta é como a negação se insinua facilmente e de maneira continua também em nossas palavras e atitudes de gente "resolvida", que se informou em fontes confiáveis, que negociou com um cotidiano diferente do que vivia antes, que acha que chegou à aceitação. Tenho más notícias: ainda não chegamos lá. Por exemplo: quando alguém fala que espera que, em breve, nos encontremos pessoalmente, creio que seja uma manifestação que revela – além de expressar um desejo mais ou menos sincero – como, nessas palavras se insinua nossa própria negação. Vou explicar onde reside essa negação. Dizer que, em breve, nos veremos pessoalmente, expressa a vontade de ficarmos sem máscara, sentados um ao lado do outro, cumprimentando-nos com um abraço. São palavras que dizem sobre nossa "resistência" a um

simples fato: esse vírus faz danos quando assumimos exatamente essas atitudes: proximidade sem máscara, contatos físicos, muita gente em um único lugar. Acontece que, nessa esperança, acariciamos a hipótese de que o que está acontecendo agora não pode ser tão grave, que o pior já foi. Basta ver a experiência europeia para entender: a redução de uma série de regras que limitavam os contatos levou, já no final de agosto, a um incremento de contágio comparável aos de maio, quando a maioria dos países estavam em situação de *lockdown*. Basta ver o Brasil, que durante o feriado prolongado de 7 de setembro lotou as praias. Acabou, o vírus acabou, parece que estamos dizendo com nossos corpos próximos uns dos outros.

Nisso, eu vejo um grande equívoco que, de fato, me faz pensar que estamos na fase de negação coletiva, sim, mas, de maneira inconsciente, também individual. O equívoco é, mais uma vez é essencial repetir, confundir o perigo representado pelo contágio do vírus com o perigo muito concreto da falta de assistência – falta de UTIs, falta de leitos e tratamento. Desde o começo dessa história toda nunca foi colocada a esperança que, no tempo, as pessoas não fossem adoecer. Isso é um tanto quanto inevitável: os vírus, se não há vacina, se espalham, e o fazem seguindo modelos matemáticos conhecidos. A ideia no começo de todas as propostas de isolamento entre os corpos (não vou dizer social, prefiro dizer distanciamento ou isolamento físico, dos corpos), a decisão de levar esse distanciamento às consequências máximas, através de *lockdown*, como aconteceu na China no começo, mas em seguida em muitos outros países asiáticos, europeus, americanos e australianos, era lembram? – "achatar a curva".

“Achatar a curva” não significava eliminar os contágios, erradicar o vírus.

Gostamos de esquecer que o achatamento não significa que a curva fica mais "curta". Entre o começo e o fim, quando estico uma linha, a distância é a mesma. Nessa “distância” há a mesma percentagem de contágios (ou, pelo menos, algo comparável), porém distribuídos em um tempo maior. Também há a probabilidade de ter o mesmo número de mortos, mas também distribuídos nesse tempo maior. Por que essa era a ideia? Porque o vírus funciona assim, poderíamos responder, confiando que o sistema escolar no mundo funciona e que essas noções de biologia são mediamente conhecidas. Infelizmente, não é assim, e é bom nos perguntarmos porque não é assim. Se entendermos, entenderemos também onde reside nosso negacionismo.

Sabemos o que é um vírus e como ele funciona, porque, no tempo, resolvemos agir para procurar meios de não morreremos tão cedo e tão mal. Mesmo encomendando nossas almas às mais variadas divindades, começamos a pensar que valia a pena, a partir de nossa realidade física, de nossos corpos e do mundo em que vivemos, procurar como as doenças funcionam, e

como podemos cuidar delas. Começamos, assim, a estudar como adoecíamos, o que causava isso, e descobrimos, entre outras coisas, o que é um vírus, como funciona, como se espalha... tudo isso que fizemos foi porque “pensamos” cientificamente, portanto fizemos perguntas “razoáveis” às quais procuramos responder através de um método que se revelou capaz de melhorar nossas condições de vida.

Esse método é confiável? Bom, até hoje tem se revelado, nessa perspectiva, um sucesso. Se chama método científico e, em princípio, permite que qualquer um possa repetir um percurso de conhecimento que vai da pergunta à resposta. A reprodução das experiências leva à confirmação, modificação, aprimoramento bem como à refutação dos resultados. Uma bonita forma de se pensar a ciência é pela ideia de conhecimento holístico e integral, em seu começo humanista: uma proposta de “inteligência coletiva”. Com certeza, naquele “manifesto” para a ciência redigido por Bacon que é o *Novum Organum*, no começo do século XVII, a ideia era fazer o que hoje se chama “open science”, com todo mundo que troca ideias, descobertas e coopera. Disso, sobrou alguma coisa, sim, que acredito seja o que permite ter esperança para muitos de nós. Essa visão do conhecimento que segue um método compartilhado ainda sobrevive em muitos recantos da academia, e sobrevive apesar do ritmo e das exigências neoliberais. Aliás, é o que está em disputa nas reformas universitárias por todos os cantos do mundo. Esse espírito baconiano, na abordagem ao conhecimento, pode ser encontrado de maneira evidente, hoje em dia, também na obra de desenvolvimento coletivo dos criadores de software livre e, em geral, temos esse espírito todos nós que aceitamos publicar nossos trabalhos como *Creative Commons* nas revistas *Open Source*. Uma certa ideia de conhecimento, uma certa ideia de ciência.

E vale a pena refletir, também, que Bacon e quem apoiou suas ideias sobre ciência e conhecimento, não separou as ciências “duras” das ciências humanas. Para esses entusiastas do conhecimento que se descortinava aos olhos do Ocidente no começo da Modernidade, não havia essa distinção/oposição. Essa parte da proposta, que era bastante legal, pouco sobrou. Mas, enfim, a questão é: se houve a possibilidade de saber o que é um vírus e como funciona, foi graças a tudo isso.

E o nosso inconsciente negacionismo, por sua vez, tem a ver, creio, com o afastamento da ideia de conhecimento proposto por Bacon e lealmente levado a cabo pelos filósofos enciclopedistas do séc. XVIII. Que foi quando a coisa começou a mudar. De um lado, as ciências biológicas e exatas começaram a se afastar da humanidade (e aqui vale a pena lembrar do

Foucault, cuja leitura continua antipática, hostil, mas extremamente iluminante). As ciências “duras” mantêm, é claro, o método da reprodutibilidade da experiência, da colaboração, mas deixam de comunicar o “por quê” das coisas. Do outro lado, as ciências humanas – e sociais, que podemos genericamente chamar de “humanidades”, andam por aí cada vez mais esquecidas de seu papel. Buscando um papel menos decorativo do que lhes foi conferido nos últimos dois, três séculos. Então, por exemplo, faz sentido que antropólogos e sociólogos trabalhem para a Jeep (a indústria de carros mesmo), para aprimorar os modelos proposto conforme se conhecem as exigências, os anseios, a visão de mundo dos consumidores. E isso é trabalho para eles. Assim, a identidade das humanidades encontra um espaço no mundo. Se bem que faz tempo, que os antropólogos estão cada vez mais dominando o pedaço: quem pensa em antropólogos sabe que eles não nasceram humanistas, nasceram Imperialistas. Uma linda disciplina para classificar, catalogar raças e tipos e culturas “boas” e culturas “más”. Influenciada pelas humanidades que tinham ainda um pezinho na tradição baconiana, possivelmente enjoada dos desastres que contribuiu a produzir fora da Europa, a antropologia buscou modificar radicalmente sua abordagem, com um olhar voltado para as razões de sua própria existência. Foi bonito, tem coisas legais que resultaram disso. Enfim, a questão é que, fora alguns exemplares de antropólogos e sociólogos explicitamente adaptados ao novo habitat Capitalista, a maioria das operações desempenhadas pelas humanidades é pouco valorizada ou se tornou “decorativa”. Dito isso, observa-se um afastamento cada vez maior por parte das pessoas “comuns” desse pensamento científico e humanista ao mesmo tempo, de uma forma muito interessante. De um lado, somos apegados ao que a ciência diz, depois de nove meses de estudos e pesquisas, isso é: o Coronavírus se espalha facilmente, quem é infectado pode ter sequelas duradouras, não se sabe ainda quais no médio e longo prazo. Porém, sua mortalidade não é muito alta, a maioria dos infectados atravessa o estágio agudo da infecção sem grandes problemas. Questão estatística. Quem tem problemas, quem pode falecer com maior probabilidade, geralmente já sofre com outras patologias e tem idade mais avançada. Não todos, mas a maioria. E aí teríamos que levar em frente um arrazoado sobre nossa ética em relação à proteção dos mais fracos em nossa sociedade, mas é discurso complexo que não cabe nesse espaço, infelizmente. Deixemos de lado, para outra ocasião. O que precisamos observar, aqui, é o “achatamento da curva”, fato que tem a ver com a observação de nossas escolhas estruturais sobre saúde pública e sua universalização.

Nosso negacionismo se manifesta quando olhamos para o vírus e vemos que a percentagem de mortos no total de contágios é baixa. Não pensamos mais na razão do alarme,

que era e continua sendo: se não tiver um número de leitos de UTI suficiente, cada contagiado aumenta sua probabilidade de não sair vivo da experiência ou, de qualquer maneira, sua probabilidade de sair da experiência um tanto quanto "machucado", por não ter recebido os devidos cuidados. Na proposta de "achatar a curva" estava colocada a aposta que, no tempo que se ganha achatando a curva, a ciência pode encontrar uma solução que "estanche" contágios e mortes (tipo uma vacina) e nesse tempo terapias mais eficazes vem sendo adotadas, a partir de princípios de experimentação científica, e não de credence (é bom ser epidemiologista, ou infectologista, ou médico ou, pelo menos, biólogo, para saber o que funciona ou não, não é suficiente acreditar que algo cura só porque queremos...) - também reduzindo a mortalidade ou certas sequelas.

Então, é nisso que tropeçamos em nossa negação, que nos convence de que está tudo bem: somos impelidos (pela mídia, pelas *fake-news*, por nosso desejo de não sofrer, pelas exigências de uma economia frequentemente cruel) a seguir uma ciência empobrecida, que nos oferece números e estatísticas e que elimina as questões da organização social dos sistemas de saúde. É um equívoco que nos obstinamos a levar em frente, para não termos que considerar que, se esse negócio de contágios voltar a aumentar rapidamente, estaremos de novo encarando a possibilidade de uma falência múltiplas de todos os sistemas sanitários, com gente "selecionada" na base de sua condição pregressa e de sua idade para receber os cuidados devidos, teoricamente, a todos.

Esse é um vírus. E vírus tem o hábito de tomar residência em nossos corpos para o resto de nossas vidas. Pertencem à categoria de vírus coisas como a Dengue, o Zika, a Malária, o HIV, o HPV, o Herpes Simplex, Zoster e muitos outros. A maioria das pessoas não sabe a relação que existe entre catapora e herpes: somente quem teve catapora pode ter herpes. O vírus da catapora que mora em mim resolveu continuar ativo e trabalhando, mas mudou e, agora, se manifesta como herpes. Por isso a gente tem a boca que estoura, o fogo de Santo Antônio e por aí vai. Então, quem não teve catapora não vai ter, às vezes muitos anos depois, problemas de herpes. O Zika vírus, já se viu, desenvolve seus efeitos depois de um tempo, per exemplo complicando o regular desenvolvimento do feto. O HIV é bem conhecido por provocar efeitos diferentes em quem foi contagiado. Assim, as patologias são múltiplas, por efeito do vírus que torna quem o tem indefeso, não mais imune a determinadas doenças muito incomuns em quem não contraiu o HIV. Enfim, o Coronavírus pode deixar sequelas que, até agora, conhecemos só parcialmente, porque são as que estamos a menos de um ano de distância dos primeiros casos. Mas quem garante que daqui a um, dois anos a gente não descubra que há outras sequelas? Se

a gente pensa assim, sai do equívoco de achar que está tudo bem e se permite ficar com raiva, negociar, deprimir, e finalmente, aceitar a Covid. Assim, tomaremos as providências possíveis e cabíveis, até termos, se possível, uma vacina. Se entendermos que o vírus é perigoso, mas que, principalmente, é perigoso ter sistemas de saúde insuficientes para cuidar de uma massa muito grande de doentes durante um mesmo período, teremos realmente mudado algo graças a essa pandemia. Até lá, não está tudo bem. É preciso que a coletividade, a sociedade, o mundo, passem para os próximos estágios.

Crônica enviada em: ago. 2020.